

Rubem Alves: sentir a vida como filosofia e religião

Rubem Alves: feeling life as philosophy and religion

Ivone Gebara¹

RESUMO

O texto celebra a obra de um amigo que abriu espaços vitais para repensar a Filosofia, a Religião, Deus... a partir de um sentir a vida poético mais amplo que o pensamento teórico e mais agudo e perspicaz do que as teorias críticas.

Palavras-chave: Amizade, Memórias, Sentir, Religião/Deus, Mistério do Mundo.

ABSTRACT

This article celebrates the work of a friend who opened vital spaces to rethink the philosophy, the religion, the God... From a poetical life feeling too broader than the theoretical think and sharper and more insightful than critical theories.

Keywords: Friendship, Memory, Feel, Religion/God, Mystery of World.

Introdução 'de cordis'

Falar ou escrever sobre o amigo Rubem Alves é torná-lo afetuosamente presente neste conturbado momento da história mundial como se saboreássemos um copo de vinho ouvindo a música que ele amava e conversando sobre os temas que lhe eram caros. É como se nós crianças adultas de hoje nos sentássemos no chão a ouvir de novo as muitas histórias cheias de sabedoria e ternura que ele contava e escrevia para as crianças adultas que continuamos a ser.

Sem dúvida minha conversa com ele é bem pessoal porque carregada de minha história e de minhas perguntas. Algumas pessoas talvez estranhem essa conversa/texto pois parece introduzir tonalidades diferentes das de Rubem. E têm razão pois cada conversa, mesmo imaginária com alguém ou com um texto, guarda fortemente a dimensão de nossa subjetividade própria e, portanto, de nossa própria história. Ao contar uma história sempre a modificamos um pouco e a tornamos parecida conosco.

¹ Doutora em Filosofia pela PUC-SP e em Ciências Religiosas pela Universidade Católica de Louvain. E-mail: ivonegebara@gmail.com

Tenho minha história e tenho uma pequena história com Rubem que começa quando ele foi um dos examinadores de minha tese de doutorado em filosofia. Impressionou-me sua maneira de ser, seus comentários pertinentes e as perguntas que me fez. Desde essa época, final dos anos 1970, nunca deixei de ler seus textos e manter com ele de forma irregular uma deliciosa troca de correspondência.

Tento agora sentir através das lembranças a beleza de sua poesia e a agudez de seu pensamento. Percebo aspectos que antes não tinha notado. Sinto-me mais solta de fazer-lhe perguntas e de expor minhas interpretações e suspeitas. E isto se dá porque Rubem nos convidou a fazer-nos perguntas e a sentir a vida de forma pessoal. Nos ensinou a observá-la e senti-la como filosofia, ou seja, acolhendo os pensamentos inscritos nas experiências humanas, nas coisas que nos rodeiam, nas vidas diferentes das nossas. Nos libertou do padrão mais ou menos linear de conhecimento abrindo-nos para a complexidade que nos envolve e habita. Nos ensinou também a sentir a vida como religião, como uma experiência para além das racionalidades estabelecidas pelas igrejas, como expressão do desejo humano de perceber-se protegido frente a grandeza do universo e a imensidão de nossas dores.

Sentir é deixar-se tomar pela presença dos outros em nós, é não a aprisionar nos rótulos e interpretações ditas científicas que gostamos de fazer ou que nos dão segurança. Sentir inclui apenas sentir a imensidão do mar numa gota de água, a imensidão do céu no vislumbrar o pedaço de azul que vemos de nossa janela, a grandeza do amor experimentando a emoção de um encontro de ternuras. Rubem poeta, filósofo, teólogo, nos faz ouvir fragmentos da grande música do universo, sentir a força vital que nos sustenta em tudo, apreender algo dos paradoxos que a constituem como se tocássemos delicadamente os mistérios que habitam nossos corpos. Por isso permito-me sentir e partilhar o que sinto inspirada por Rubem.

1. Conversando sobre o verbo sentir

O verbo sentir é talvez um dos verbos mais usados no cotidiano de nossas vidas. Porém, nem sempre nos damos conta das muitas intensidades desse sentimento e nem das formas diversas de como esse sentir se manifesta em nós. As vezes até duvidamos de nosso sentir porque somos coagidos por algumas pessoas, por instituições e pelos meios de comunicação a sentir o que querem que sintamos. Então, não sabemos se somos nós que sentimos ou se outros produzem sentimentos que nos são impostos de fora e pensamos que são nossos. Outras vezes ainda, imaginamos poder conter e comandar todos os sentires em nosso limitado sentir. E sem perceber nos tornamos ditadores querendo uniformizar o sentir a partir de nós mesmos. Somos de fato extraordinários e estranhos seres humanos... Sempre maiores e sempre menores do que na realidade somos.

Hoje, parece que um novo desafio é lançado à filosofia e às religiões através da nova conjugação de um verbo de duplas palavras, 'sentir pensar'. Um verbo duplo, uma expressão que parece querer envolver todo nosso corpo e nossas faculdades,

porém tem encontrado obstáculos imensos para conjugar-se nas crenças e políticas dogmáticas que construímos.

Habitados à segurança dos diferentes dogmas sociais, políticos e religiosos, a diversidade real dos sentires nos incomoda e desestabiliza. Porém, há que acolher esse incômodo, essa insegurança que nos invade de muitas formas e aprender algo mais sobre nós mesmos. Esse incômodo nos habita nas suas diferentes dimensões e se torna de certa forma um fio condutor de conhecimento do labirinto de nossas vidas. Se torna também um elemento de aprendizagem do complexo mundo humano, irreduzível a uma única interpretação, a uma única linguagem, a um único sexo, a uma única divindade.

Sem querer encontrar saídas para esse novo desafio, partilho apenas algumas reflexões em torno do sentir a vida na sua diversidade. Misturo-me com algo que aprendi de meu jeito com o filósofo e amigo Rubem Alves porque estou convencida que somos carne e espírito uns dos outros. Como ele tenho me aproximado da filosofia e da religião como maneiras de sentir o mundo e a mim mesma para além das dogmáticas filosóficas e teológicas estabelecidas. Como ele estou aprendendo a observar-me analiticamente, a observar as plantas, os animais, os seres humanos tentando senti-los em mim. E para ele e para mim este sentir, na sua complexidade e nas suas múltiplas manifestações, está na origem de nosso fazer filosófico e de nossas crenças religiosas.

Sentir a necessidade de presenças na vivência das múltiplas formas de ausências faz-nos criar os símbolos religiosos a partir de diferentes mundos culturais. Por isso, de certa forma inventamos mundos perfeitos segundo nossas necessidades e desejos como artifícios para responder a necessidade de dar sentido às nossas vidas. As religiões nessa perspectiva respondem às perguntas sem resposta, criam até seres imaginários que nos escutam e atendem a nossos pedidos. Consolam, protegem, exigem, julgam, matam, criam literatura, magias, poemas, arte, utopias de paz e amor como se fossem um mundo a parte ou superior a nós. Fazem experimentar sensações, abrem para desejos de felicidade e saciedade imaginárias, além das culpas, remorsos e medos do julgamento divino. Tornamo-nos limitadamente mais do que somos através dos artifícios que somos capazes de inventar, dos estados e lugares imaginários que através do pensamento e da arte criamos para fundamentar o nosso mundo e dotá-lo de seguranças e de sentidos. Projetamos esperanças, acreditamos nelas, apostamos que seremos diferentes, bem melhores do que somos como se nos reinventássemos de novo na bondade e perfeição que imaginamos poder nos transformar.

Não vou repetir e nem comentar 'cientificamente' os livros e artigos do Rubem. Acho que ele não gostaria muito disso a esta altura de minha vida. Inspirada por ele e por tantas pessoas que tocaram notas musicais semelhantes, executo minha composição que vai mais para as valsinhas populares, para as canções de ninar, os improvisos e modinhas do sertão nordestino do que as grandes obras dos clássicos que inspiravam Rubem e que ele tanto amava.

Suas palavras no *Tempus fugit* (1997) irrompem em minha memória aqui e acolá como as lembranças que ele tinha de seu pai quando este agradecia a chuva caída depois de um dia quente. E, Rubem se punha então a imaginar as formas de agradecimento das couves, dos tomates, das árvores e arbustos. Diferente e semelhante de Rubem, as miudezas da cultura popular inspiram o meu sentir. A nostalgia nordestina contida na arte e poesia populares, nos repentinos cantados, nos cheiros, condimentos e comidas ainda tocam minha alma e minha memória. E isto porque vivi naquelas terras extraordinárias longos anos de minha vida, anos que me transformaram a partir de minha interioridade e me fizeram perceber um mundo mais vasto e mais bonito do que as teorias sobre o mundo que aprendera nos átrios acadêmicos.

Sentir é conhecer o mundo, sentir é como aproximar-nos do Mistério do mundo sem tomar posse dele. Sentir é integrar todo nosso corpo e interioridade numa espécie de emoção grandiosa boa ou má sem a interferência direta de teorias fabricadas. O sentir pode ser alegre ou triste, prazeroso ou trágico, raivoso ou apaziguador, monótono ou múltiplo. De qualquer maneira ele envolve o todo de nossa pessoa e pode até nos afogar no tempo preciso daquele sentimento ou nos permitir o degustar de uma serenidade imediata. Não dá para explicar com clareza o sentir. Há que sentir antes de julgar, antes de analisar, antes de descrever e escrever.

Quando me desespero diante de uma situação sem saída no imediato é todo meu corpo sentido que é atingido. Meus gestos, meu pensamento, minha digestão, meu humor parecem afetados por 'isso' de ruim que me e nos atinge. O sentir, o sentimento da dor invadem meu corpo e minha alma. Da mesma forma quando algo 'bom' acontece parece que o corpo todo dança leve ao ritmo agradável daquele evento pequeno ou grande e depois até parece repousar em agradável silêncio de gratidão ou vibrar em sobressaltos do coração. Nas diferentes situações de bem estar, embora apenas imediato, algo bom toma conta de nós e nos ajuda a respirar melhor e sorrir para o mundo com mais facilidade. Entretanto, nas situações trágicas ou de sofrimento inesperado o mundo parece chorar em nós, a destruição e as perdas vividas se avolumam e parecem invadir todos os recantos de nossa alma/corpo. Faz apenas escuro e não cantamos... Somos nossa circunstância e nosso sentir o mundo.

Sentir finalmente é um ato que guarda ambiguidades, contradições, bondades e maldades. Sentir é estar vivo, exposto à vida cotidiana nas suas belezas e feiuras. É nessa multiplicidade de estados ou situações vividas que nos damos conta dos conflitos que se dão entre o sentir e o pensar. Entregamo-nos ao sentir sem pensar e nos agarramos ao pensar sem sentir e de tal forma que podemos nos destruir uns aos outros nessa disputa aparentemente sem fim.

2. Algumas disputas entre o sentir e o pensar

Por que falar do sentir num mundo onde a ciência racional e os dogmas políticos e religiosos parecem ocupar um lugar proeminente nas disputas de posse do mundo e sobretudo na proliferação de polarizações e de mortes violentas? Por que falar do sentir

num mundo onde se condicionam as formas de sentir o mundo a interesses de minorias, onde se polarizam posições, se excluem pessoas e se mata por um sentir ou uma suspeita? Por que falar de sentir quando os sentimentos e as consequências dos sentimentos das maiorias não são consideradas? É porque o sentir desperta em nós a saudade de algo de pureza, a saudade do cheiro das flores de laranjeira antes mesmo das laranjas, porque desperta em nós algo do originário que nos constitui e que estamos esquecendo.

Apesar das ambiguidades do sentir inerentes à nossa condição humana há uma verdade no sentir reveladora de aspectos da vida que escapam à ciência e as teorias científicas e religiosas. As teorias científicas se pretendem objetivas, ou seja, com uma objetividade que se mostra superior ao corriqueiro cotidiano, às pequenas dores e pequenos prazeres, às opiniões imediatas que emitimos. Diante da ciência racionalista precisamos nos dobrar, renunciar a uma espécie de bússola que se chama sentir como se ela fosse enganosa e apontasse caminhos que não nos levarão ao norte. O norte é o rumo que há que seguir e obedecer. Porém, quem o estabelece?

A ciência racional é apenas ilusoriamente isenta do sentir. Na verdade, nada se faz sem os sentidos, sem o sentimento que nos habita, sem o frisson à flor da pele, sem as muitas emoções que a cobiça e outras paixões despertam. Nenhum pensamento científico pode apagar o sentir. O sentir revela o efêmero, os limites inerentes à nossa condição, as pequenas luzes cotidianas que se acendem e se apagam em nós como para afirmar o caráter mutante de nossas vidas.

Sentir o mundo exige também um aprendizado a ser feito, um aprendizado de como apreendemos nosso corpo e nosso mundo nas idas e voltas de nossas vidas, nas mutações que se operam em nós e nos outros, nas contradições que revelam a impossibilidade do saber total e totalitário. A autoridade do sentir é o eu na aventura da exploração cognitiva do mundo e de si mesmo. Mas esse “eu” sempre se sente limitadamente e muitas vezes impropriamente. O erro no sentir é tão inevitável quando no pensar e no julgar. Mas tal constatação nos revela apenas o caráter especial dos seres que somos: ao mesmo tempo grandes e pequenos, bons e maus, feios e bonitos, enfim sempre misturados de grandezas e mesquinhas. Por isso, aprender a sentir deveria ser parte de alguma disciplina escolar que nos ajudasse a distinguir um sentimento de outro, uma imposição de sentimento de outra espontânea, um sentimento egoísta de outro altruísta. Aprender a sentir é primeiro aprender a observar sem imediatamente julgar, sem colocar os sentimentos em caixinhas pré-fabricadas, sem classificar imediatamente os sentimentos a partir de etiquetas exteriores. Aprender a sentir é observar, é cultivar nossa subjetividade única nesse tempo único para desabrochar da melhor forma possível nossa relação a nós e aos outros. A forma possível inclui a consciência de que também poderia ser de um outro jeito, o que significa a constatação e o aprendizado da impermanência e, portanto, da mutação em nós. O sentir compõe o conhecimento humano, é inseparável dele e o mostra nos seus diferentes aspectos. Por isso Rubem Alves conta histórias sobre seus medos infantis, sobre suas saudades, sobre o gosto pelos ipês, sobre a morte, sobre as muitas ilusões dos homens e a sabedoria das crianças. Mistura adultos, crianças, plantas e animais para compor o quadro epistemológico de

nossa vida. De certa forma nos ajuda a superar as disputas entre o sentir e o pensar. Sem sentir bem não há um bom pensamento. E sem pensar corretamente o nosso sentir não aprendemos a nos conhecer de fato e a acolher e conviver com o mundo múltiplo que somos dentro e fora de nós. Aprendemos através da observação do sentir a fragilidade de nossas emoções, sua temporalidade provisória, sua desmesura. Aprendemos de nossas fantasias, de nossas sombras e do amor fugidio que experimentamos. Tudo o que é construído como se fosse eterno, imutável e imortal perde o seu sabor real. Vira imaginação inconsistente, vira sonho impossível, vira força de dominação e engano. Por isso, há que educar-nos a superar os conflitos entre o sentir e o pensar, há que os unir na conjugação do verbo sentir/pensar.

3. O sentir nas religiões e algumas contradições

As religiões muitas vezes sem que percebamos nos impuseram sentimentos que pretendiam elevar-nos para valores eternos. Houve até muitas histórias escritas sobre o sentimento religioso como se este sentimento nos educasse a ver, a sentir, ou melhor, a julgar o mundo segundo a vontade divina, sempre eterna e imutável. Prêmios e castigos eternos para depois da morte contribuía para controlar e responder às muitas perguntas sobre o desenrolar da vida. Os valores eternos se opunham aos pequenos valores mutáveis da vida, ao provisório de cada vida. Porém, como sentir os valores eternos? O que é o eterno? Como sentir e amar Deus, ser eterno?

E mais, por que nós seres finitos, projetamo-nos no infinito? Por que queremos ultrapassar as barreiras de nossa finitude? Talvez para tentar encobrir nossos medos e nossa pretensão de imortalidade e de tudo saber. Por isso, conscientes de nossos limites e finitude precisamos sublinhar a arrogância da ciência total, a falácia das teologias patriarcais na sua pretensão de posse do mistério que nos envolve.

No fundo não dá para amar de verdade o que não se vê, o que não se sente, o que não nos toca, embora as religiões monoteístas nos tenham sempre convidado a amar a Deus sobre todas as coisas. Como se faria isso se mal conhecemos nossa humanidade? Seria acaso um substituto frente a decepção que temos em relação ao amor limitado que vivemos?

Hoje semelhante e diferente de outros tempos também duvidamos do amor eterno e do castigo eterno. Estamos reaprendendo a amar os lírios do campo, as violetas, as formigas carregando pedacinhos de folhas e os mistérios incríveis de nossos corpos. É apenas a partir deles que podemos intuir, imaginar e criticar os banquetes eternos ou as labaredas eternas a queimar nossos 'corpos incorpóreos' depois da morte. Nosso sentir e nossa imaginação são corpóreos e tudo começa e acaba desde nossos corpos recebidos e nutridos por outros corpos.

Na mesma linha, há que compreender algo mais quando se diz que sentimos Deus ou que fazemos a vontade de Deus. De que Deus se trata? Qual é o Deus que se deixa sentir? Como se dá esse sentir?

Muitas foram as respostas a essas perguntas e a maioria delas foram dadas por homens de poder que se outorgavam a sabedoria de revelar a vontade divina sobre os outros. Desenvolveram a obediência à sua vontade e aos seus princípios e teorias apoiando seu poder no poder do Invisível. Por isso construíram palácios e altares ao Grande Invisível e através dele oprimiram os corpos visíveis. Não há que sentir o que o corpo sente. A razão masculina exigiu a obediência ao poder maior que controla nosso sentir e o faz dobrar-se ao poder da imaginação religiosa.

Rubem Alves recupera a força e os limites do corpo, sua capacidade de sentir e até de imaginar sua projeção fora do corpo. Inevitavelmente o fora é sempre dentro. Desta forma tudo o que pensamos, imaginamos, sentimos acontece a partir de nossos corpos. Tal postura deslegitima até certo ponto as autoridades que se afirmam falando em nome do Altíssimo, do Grande Invisível, do Todo Poderoso. Para falar em nome dele exigem fé! O que seria ela? A crença no desconhecido, o amor ao invisível, a submissão à palavra da autoridade religiosa e aos seus ensinamentos?

Com Rubem aprendemos o quanto o corpo é a autoridade em nossas relações. O corpo é a autoridade em nosso sentir e conhecer. O corpo é autoridade em nossa fé, isto é, em nossas renovadas apostas na vida. Por isso, na tradição primitiva de muitas religiões, o divino é apreendido nos corpos humanos que dividem o pão e se saciam de pão, nos corpos que levantam corpos caídos, nos corpos que festejam com outros corpos a conquista de uma terra outrora roubada, nos corpos que abraçam outros corpos. Deus dos corpos! O divino dos corpos! Sentir é sentir a partir de meu corpo e não apenas imaginar o que se gostaria de sentir. Porém, a religião institucionalizada nos convida a entregarmo-nos às poderosas forças invisíveis, a implorarmos sua ajuda e pouco a pouco nós as naturalizamos e as tornamos extensões de nós mesmos. Nós as tornamos pedaços nascidos de nós, porém capazes de um poder maior do que o nosso. E dizemos que as amamos porque tememos não o dizer. E, muitas vezes sem perceber elas podem nos dominar e acreditamos que estejam nos libertando.

4. A crise contemporânea do sentir o mundo

No fundo, hoje, de muitas outras formas, não sabemos sentir bem as pessoas, as flores, as árvores, os pássaros, os insetos. Por um lado, perdemos o convívio que os povos mais próximos da natureza tiveram e ainda têm. Convivemos com imagens. Nos habituamos a elas e gostamos sobretudo de imagens poderosas construídas por técnicos da mente humana. Através da imagem tocamos um sapo, mas não o tocamos como corpo real. Através de imagens andamos na floresta, vemos crocodilos e ouvimos pássaros exóticos como se não os temêssemos, como se fôssemos seus amigos de infância. Convivemos harmonicamente com eles no mundo virtual, mas no mundo real os eliminamos queimando seu habitat, apropriando-nos deles, espalhando inseticidas, transformando-os em mercadoria.

Classificamos os nossos sentimentos em relação ao vasto mundo conforme as regras sociais vigentes e nem nos damos conta disso. Repetimos o que nos dizem livros,

os filmes e as autoridades que julgamos como as únicas profundamente conhecedoras do universo. Repetimos as informações das muitas mídias que seguimos a ponto até de duvidarmos de nossas dúvidas e de nossos sentires. A posse através da mídia do conhecimento do mundo nos afastou em grande parte do mundo real, dos cheiros reais, dos bichos reais, das pessoas reais que seguem presentes. Temos ideias e imagens em relação a eles e elas, mas pouca aproximação física.

Nem sempre o conhecimento do mundo implicou também no sentir o mundo de uma forma pessoal, tentando distinguir condicionamentos e autoritarismos para que experimentássemos nosso sentimento pessoal como o primeiro passo para nosso conhecimento.

E, se em vez de afirmar como o filósofo Descartes “eu penso, logo existo” afirmássemos que “eu sinto, logo existo” como seria nosso conhecimento? Alguns talvez diriam que tal pergunta é quase uma aberração filosófica porque parecemos duvidar das certezas contidas no pensar racional. Sublinhar o sentir seria acreditar primeiro no mutável como se a razão fosse inferior ao sentimento do mundo, como se ela perdesse seu lugar de excelência.

E, ainda, se em vez do ‘reto pensar’ aprendêssemos primeiro a arte de ‘bem sentir’ como as crianças que começam a explorar o mundo tocando e sentindo os objetos. Se aprendêssemos a explicitar nosso sentir, a compreendê-lo, a acolhe-lo como expressão de nós mesmos e expressão dos outros seríamos talvez mais sábios?

Imaginamos o pensar e o sentir como operações distintas e separadas. Porém, só o são aparentemente. Quando as separamos radicalmente e hierarquizamos, manifestamos a obediência a uma espécie de pensar correto e superior provindo de fora. Este nos é imposto como o pensar e o sentir verdadeiros, como uma espécie de ‘dever ser’ de nosso sentir e nosso pensar. E este correto ou superior afirmado hierarquicamente e autoritariamente é uma armadilha cheia de enganos e alienações. Por isso há que os unir e distinguir para compreender e há que aprender a compreender a relação íntima entre as coisas e as realidades humanas.

Sentir pode ser um ato de certa forma mais coletivo do que o pensar. Ao sentir uma dor ou uma alegria ou a presença amorosa ou incômoda de alguém meu corpo todo estremece tornando-me ‘sentimento’. É como se eu fosse penetrada pelos seres exteriores a mim e que estes me permitissem ter em meu corpo vibrações internas como formas de apreensão dos mesmos. Preciso do mundo para sentir. O sentir é marcado pela imediatez do mundo em mim. O pensar por sua vez é marcado pela mediatez, pelas mediações, pelos argumentos, pelas ponderações e análises racionais. O sentimento, entretanto, tem a força de influenciar mais o pensamento do que o contrário. Embora, acredita-se que o pensar é mais importante do que o sentir não estou tão segura dessa hierarquia! Será que há mesmo hierarquias entre eles? Não será que tudo é misturado e as hierarquias inventadas?

Há expressões e dimensões diferentes sem as quais deixamos de ser essa complexa realidade que somos. Porém, há uma organização sociocultural do sentir e do pensar que nos atinge e até certo ponto nos condiciona muitas vezes sem percebermos.

No conto *A dor*, presente no livro *O Deus que conheço* (2019), Rubem Alves fala da experiência do velhinho quando depois de muitos anos volta ao sítio aonde vivera e, antes habituado a saltar o riacho com um único pulo, tenta refazer a proeza e cai sentado no meio das águas. E então comentava para si mesmo “não é que o danado do riachinho nesses anos alargou e eu não havia notado?” O sentir o riachinho o remeteu para o riachinho que ele conhecia em sua juventude. E foi levado a um ‘sentimento pensamento’ sobre ele em descompasso com a realidade de seu próprio corpo e do riacho. Seu sentimento de idoso ao leva-lo a lembrar como vivia sua relação com o riacho o conduziu a um equívoco de percepção. Ele salvara apenas sua subjetividade passada e não a evolução apreendida pela razão.

E Rubem continua dizendo: “O centro do universo está no lugar em que está doendo”. O sentir a vida começa no meu corpo como lugar de recepção do mundo, como lugar de transformação do mundo em mim, como lugar de conhecimento subjetivo do mundo, único conhecimento possível, porém que não exclui equívocos.

A vida é uma luta que se desenrola de momento a momento. Daí a importância do sentir para conhecer mesmo que seja de forma imprópria e incompleta. O riachinho não ficou mais largo, porém o corpo é que ficou menos flexível e esqueceu-se desse dado físico limitativo e importante.

É na dor que sinto o ‘resto’ das dores do mundo. E são resto não porque são menores do que minha dor, mas porque não as sinto como sinto as minhas, não as sinto como os outros que a vivem sentem. O mundo todo vira de certa forma resto frente a minha dor ou a minha alegria.

Minha dor segundo sua intensidade pode até me fazer esquecer a dos outros, os problemas do mundo, até a dor do próximo perto de mim. Ela me centraliza de uma tal forma em mim mesma que me fecha em meu dolorido casulo tentando apenas manter a respiração até que algum alívio seja produzido ou a morte venha cala-la totalmente. O sentimento de mim mesma e do mundo pode me tornar solidário ou cruel, abrir-me ou fechar-me à dor alheia. Posso esconder meu pão para sobreviver ainda hoje, embora meu vizinho esteja nesse momento à beira da inanição. De fato, somos maiores e menores do que pensamos ser...

Recordo o grito de Jesus na cruz. É o grito da solidão de sua dor em meio a muita gente. O apelo à fonte da vida (Pai) que o ‘está abandonando’, é o reconhecimento da unicidade de sua dor com a unicidade de nossa dor do mundo. O grito por Deus é o grito da própria subjetividade que se desdobra, que nos faz companhia como se fôssemos dois em um. Deus como habitante de mundos celestiais desaparece e entrego-me à divindade de minha subjetividade crucificada esperando que ela possa ter forças para passar o momento da dor. Estou comigo pedindo ajuda ao meu deus interior. Eu e meu deus interior somos um. Eu e meu deus lutamos e

finalmente entregamos nosso último sopro ao grande sopro do mundo. É nesse sentido que se pode dizer que a fé não é a crença em alguma entidade metafísica delimitada por nosso pensamento mesmo quando o afirmamos como infinito, onipotente e onnipresente. A fé é relação às pessoas, é a relação a mim mesma na pobreza e limite de meu ser. É a acolhida do paradoxo que sou num mundo sempre maior do que meu eu. É, por outro lado, crer que o bem que desejo a mim deve ser compartilhado. É crer desde as entranhas que somos imagem e semelhança uns dos outros e do universo que habitamos.

O amor, o direito e a justiça se inscrevem como átomos mínimos comportamentais que podemos desenvolver na medida em que reconhecemos nossa interdependência e nossa fragilidade finita. Essa intuição é bem presente em Rubem Alves e ele a expressa em forma maravilhosamente poética ao longo do variado percurso de sua evolução teológica.

Dependentes vitalmente do mundo há algo de especial em nossa subjetividade que é experimentada como única. Ela nos abre e nos fecha para o mundo dos outros/as. Ela nos expande para lutas coletivas e nos retrai para nossa dor individual. Daí a importância da educação contínua da subjetividade não através de métodos racionalistas impositivos, mas através da sensibilidade ao próprio sentimento de si próprio e do mundo.

Frente à observação atenta e microscópica de um problema ou frente a uma investigação em alguma biblioteca universitária tornamos a coisa investigada objeto de estudo. Porém frente ao sentir nossa dor, nossa alegria, nossa saudade, nosso mundo machucado, a dor torna-se nossa subjetividade, a dor somos nós, a chaga que sangra sou eu em forma de sofrimento e de desamparo. Da mesma forma diante das fugidias belezas da vida que apreendemos e apreciamos de maneira diversa, há sempre algo mais que é despertado em nós e que de certa forma é único e dificilmente partilhável de forma idêntica por e para outras subjetividades. Só esse sentir me faz conhecer/sentir a intensidade da dor ou a intensidade do amor ou a intensidade de alguma raiva que toma e encapsula meu corpo e me faz viver num inferno que é só meu ou num céu que é igualmente só meu. Esse sentir me aproxima da dor alheia semelhante e diferente da minha e da alegria alheia distante da minha.

O inferno deixa até de ser ‘os outros’ como dizia Sartre porque a intensidade de meu ódio, de minha dor e de minhas paixões torna-se o centro produtor em mim mesma daquilo que vivo com os outros. Torno-me por um momento o meu sentir o outro, quase sem espaço para a análise do pensamento. Até o pensamento se reduz a dar razões para a emoção, a justificar sua presença e sua existência, a submeter-se aos desvarios incontrolados dos aís que pronunciamos.

Por isso, o resgate das pequenas histórias nos aproxima mais do conhecimento real de certas dores e nos convida a uma atitude diferente frente a elas. As pequenas histórias mais do que as teorias nos entregam uma concretude compreensível em quase todas as linguagens humanas. Inventamos fábulas, mitos, parábolas que expressam essa espécie de ordinário da vida muitas vezes esquecido pelas teorias científicas que até

usam nomes especiais para que os outros não entendam do que trata sua ciência. Sempre me impressionou o nome do mosquitinho das bananas, aqueles que vêm pousar nas bananas maduras e que nos atrapalham por sua fome insistente. Chamam-se ‘drosófilas melano gástricas’ ou um nome aproximado a esse. Que nome pomposo para a nossa ignorância e para a pequenez do inseto!

Sentir/pensar a partir dos corpos, a partir da pequenez da vida cotidiana, das pequenas histórias reais ou inventadas convidam a unir os pedacinhos da vida, a juntá-los para obter sentidos e amar sua finitude reveladora das muitas invenções da alma humana.

5. A saudade e a diversidade de seu sentir

Rubem Alves foi um grande contador de histórias. Adultos, jovens e crianças podem ainda usufruir e aprender muito delas. As parábolas inventadas nos remetem à vida concreta enquanto as teorias exigem um aparato de conhecimento especializado para a compreensão. O conceito científico precisa ser traduzido para a vida porque se encontra em estado de condensação linguística, em estado de abstração conceitual embora contenha situações vitais. Mas os contos, os romances, as parábolas, as histórias de criança, os desenhos tocam quase em direto as situações da vida, remetem imediatamente à memória de realidades vividas.

Sentir a vida filosoficamente. Sentir a vida religiosamente. Como dizer algo dessas formas diversas ou semelhantes de sentir?

Rubem era um amante da música clássica, mas também da música dos desafinados. Era do presente, mas tinha saudades do passado. Para ele a felicidade morava no que se foi, a saudade é de algo pleno que se viveu. Mas essa saudade e esse pleno são apenas dele. A diversidade se impõe de novo quando o assunto é saudade. E é este sentir como saudade que quer dar um tom especial à finalização desse texto.

Quantas pessoas recordam a amargura de seu passado? Quantas não querem voltar a ele? Quantas o transformam ou o negam para esquecer das dores que sentiram? O lindo passado que Rubem viveu em Minas não é o mesmo que uma neta de escravas pobre viveu. Não é o mesmo daquela jovem moça estuprada na fazenda pelo capataz ou pelo filho do senhor de engenho. Ah! ela quer esquecer desse passado. Não tem saudades do ontem! Ela quer encontrar o amor do futuro, a promessa da redenção de seu corpo. Ah! não quer mais se lembrar da dor que a afligiu quando se viu prenhe daquele sanfoneiro que numa noite de luar a seduziu a força e no dia seguinte já estava tocando sanfona em outras paragens. Mas, o pedaço dele ficou em seu ventre, pedaço que ela não queria, mas que penetrou nela apesar de sua não vontade. Pedaço entrado em si e rejeitado por ser fruto de violência. Dor no corpo e dor nas entranhas, dor na alma. Abandono e desilusão! Por isso, saudade de um futuro diferente que a maioria das mulheres sentem é condimento da esperança. Por isso, não se quer o passado

porque o passado de violência não é nada poético, não contém promessas de amor, apenas vergonha e dor.

Os pobres têm saudade de comida, de casa e de poesia de farturas sonhadas. Suas saudades seguem sendo para o futuro. Por isso, nós poetas e pensadores/as que tivemos o privilégio dos bons tratos e dos bons pratos podemos sentir boas saudades do passado, podemos fazer com que a felicidade poetizada o habite. Mas, esse lugar não é o mesmo para todas as pessoas. O lugar da saudade se diversifica, sai de sua conjugação passada habitual, projeta-se em outros tempos verbais e se afirmar através de sonhos ainda não vividos.

A saudade deixa de ser como dizia Rubem um buraco na alma quando um pedaço nos foi arrancado no passado! Ela passa a ser o buraco das muitas fomes a ser preenchido pelo presente e pelo futuro. Quantos jovens das periferias do mundo não têm saudades do passado! Quantos não puderam brincar como crianças porque nascidas em meio aos horrores de muitas guerras. Quantos carregaram fardos pesados demais por estradas e mares para fugir da morte do presente?

Amo as saudades expressas por Rubem. Amo essa inspiração da música de Bach ou até da música gregoriana à qual ele se refere em seus escritos. Mas acho que completaria essa saudade com muitas outras saudades conjugadas como esperanças futuras e certamente Rubem me daria razão. Quando ouço jovens mulheres migrantes dizerem que não têm saudades do passado, mas têm desejos de um futuro melhor... Quando vejo desempregados/as perambulando atrás de trabalho e manifestando a saudade de ter chão, casa e comida para viver dignamente, sinto-me convocada a abrir os tempos verbais da saudade.

A saudade tem muitas conjugações e muitas temporalidades. Por isso, a conjugação apenas no tempo pretérito passado é insuficiente para ela. Ela é tempo presente e futuro nas suas muitas variações. Ela é saudade presente e futura na busca de uma vida melhor. Ela é busca de saída de uma guerra aparentemente sem fim, de libertação de mordidas, de grilhões de ferro, de estigmas fabricados, de silêncios impostos, de corpos reprimidos e usados como objetos descartáveis. Ah! Saudades de pão e de rosas, de 'nenhuma mais' assassinada, de mesa farta e casa para morar.

Breve conclusão "de cordis"

Frente a diversidade de nossos sentires e de nossas saudades, finalmente devo confessar que tenho saudades de meu amigo Rubem Alves que numa carta de Natal de 1994 me mandava um poema de Antônio Machado que terminava assim:

De noite quando dormia
 Sonhei, - bendita ilusão-,
 Que era Deus o que havia
 Dentro de meu coração

Do Rubem

Imaginem que união, que unicidade absoluta, que beleza intuir essa intimidade divina presente no coração humano, habitando a mesma carne como um sentimento de imensidão, de paixão pela vida, de amor sempre maior do que qualquer amor. Bendita ilusão! Deus nos habitando em forma de sonho, em forma de memórias afetivas do corpo.

Bendito sonho que nos faz sentir e conviver com a presença de Rubem Alves no meio de nós. Obrigada Rubem! Obrigada pelos sonhos, pelos caminhos abertos de resgate da poesia do mundo em nosso corpo. Obrigada pelas melodias múltiplas que ouvimos de você, pelas filosofias e teologias para além dos conceitos fechados, para além das teorias fixas. Obrigada pela variação e exuberância dos sentires do mundo que você nos ensinou. Você vive em nós!

Da Ivone

Referências

ALVES, Rubem. **O Deus que conheço**. São Paulo: Editora Planeta, 2019.

ALVES, Rubem. **Tempus fugit**. São Paulo: Paulus, 1997.

Submetido em: 24/01/2022

Aceito em: 28/02/2022